

Imagem e afro-baianidade: indicadores de pertencimento entre estudantes do Curso de Áudio e Vídeo do ICEIA

Luciana Dias Ferreira¹ 

¹ Universidade Estadual de Feira de Santana - Brasil

*Autora de correspondência: ludiffe@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE:

Afro-baianidade
Imagem
Pertencimento

KEYWORDS:

Afro-Bahianity
Belonging
Image

PALABRAS-CLAVE:

Afrobahianidad
Imagen
Pertenenencia

RESUMO

Imagem e afro-baianidade percorre a construção de conhecimento a partir de elementos indicativos de pertencimento entre estudantes do Curso de Áudio e Vídeo do ICEIA ao investigar visualmente vestígios do modo de se perceber afro-baiano no espaço definido pelo ambiente escolar. A ideia de refletir acerca do outro e, desse modo, poder permitir identificá-lo, se vê amparada nas discussões de Sodré (1988) no que tange à cultura a partir da relação do homem com o seu real e nesse contexto analisa aspectos da formação da sociedade brasileira e suas culturas, em particular a afro-brasileira, na qual se insere a cultura afro-baiana. Nesse sentido, o termo imagem descrito por Abbagnano (1982) como espelho que identifica algo ou alguém. A percepção do modo dos estudantes de PAV do ICEIA se perceberem e serem percebidos enquanto cidadãos (as) nascidos e residentes em Salvador na contemporaneidade, inicialmente, parte de uma produção videográfica a partir da primeira tentativa de aproximação com referido público após observações prévias. Posteriormente, a imagem fotográfica atua como mediadora na relação com os participantes, na busca por traços de pertencimento afro-baiano. A percepção do pertencimento entre os participantes autodeclarados afro-baianos (as) a partir de suas falas indicaram elementos de pertencimento dentro das categorias: imagem, cultura, memória e identidade.

ABSTRACT

Image and Afro-Bahianity covers the construction of knowledge based on elements indicative of belonging among students of the ICEIA Audio and Video Course by visually investigating traces of the way of perceiving Afro-Bahians in the space defined by the school environment. The idea of reflecting on the other and, in this way, being able to identify him, is supported by Sodré's (1988) discussions regarding culture based on man's relationship with his reality and in this context he analyzes aspects of formation Brazilian society and its cultures, in particular Afro-Brazilian, in which Afro-Bahian culture is inserted. In the sense of image described by Abbagnano (1982) as a mirror that identifies something or someone. The perception of how ICEIA PAV students perceive themselves and are perceived as citizens born and residing in Salvador in contemporary times, initially, comes from a videographic production based on the first attempt to approach the aforementioned public after previous observations. Subsequently, the photographic image acts as a mediator in the relationship with the participants, in the search for traces of Afro-Bahian belonging. The perception of belonging among self-declared Afro-Bahian participants based on their speeches indicated elements of belonging within the categories: image, culture, memory and identity.

RESUMEN

Imagen y Afrobahianidad cubre la construcción de conocimientos a partir de elementos indicativos de pertenencia entre los estudiantes del Curso de Audio y Vídeo de ICEIA, investigando visualmente huellas de la forma de percibir a los afrobahianos en el espacio definido por el ambiente escolar. La idea de reflexionar sobre el otro y, de esta manera, poder identificarlo, es sustentada por las discusiones de Sodré (1988) sobre la cultura basada en la relación del hombre con su realidad y en este contexto analiza aspectos de la formación de la sociedad brasileña y sus culturas, en particular la afrobrasileña, en las que se inserta la cultura afrobahiana. En el sentido de imagen descrita por Abbagnano (1982) como un espejo que identifica algo o alguien. La percepción de cómo los estudiantes de ICEIA PAV se perciben a sí mismos y son percibidos como ciudadanos nacidos y residentes en Salvador en la época contemporánea, inicialmente, proviene de una producción videográfica basada en el primer intento de acercarse al citado público luego de observaciones previas. Posteriormente, la imagen fotográfica actúa como mediadora en la relación con los participantes, en la búsqueda de huellas de pertenencia afrobahiana. La percepción de pertenencia entre los participantes autodeclarados afrobahianos a partir de sus discursos indicó elementos de pertenencia dentro de las categorías: imagen, cultura, memoria e identidad.

SUBMETIDO: 20 de julho de 2024 | **ACEITO:** 23 de julho de 2024 | **PUBLICADO:** 31 de agosto de 2024

© ODEERE 2024. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

O desafio de reunir Imagem e Afro-baianidade mediada por registro fotográfico e/ou videográfico na relação de pertencimento entre estudantes do curso de PAV - Produção em Áudio e Vídeo do ICEIA, a partir de uma pesquisa de abordagem qualitativa com característica etnográfica e observação participante mostrou-se desafiador.

O autoconhecimento resultante da manifestação pessoal entre os integrantes do referido curso; e o registro fotográfico e/ou videográfico como mediador da relação entre sujeitos potenciais dessa população reforçam a ideia de imagem que aqui se impõe pela ideia de espelho, com base nas perspectivas apresentadas por Abbagnano (1982) onde é possível identificar algo ou alguém, ou ainda, pelo sentido de duplo, defendido por Morin (1979).

A imagem representada pelo desenho em sua etimologia trata do ato de grafar com lápis e papel pelo mecanismo das mãos humanas. No entanto, enquanto linguagem permite representação e significado (FERREIRA, 2017). As imagens como fontes visuais, sendo pintadas ou desenhadas, de acordo com Menezes (2003) só têm sentido quando contextualizadas.

O desenho no campo da cultura, citado por Negreiros (1996) expressa evoluções, modernizações e atualizações, além de influenciar o comportamento humano. Na ciência, envolve o entendimento enquanto gerador de conhecimento cujo significado compreende seu contexto histórico, social, político, econômico e ideológico.

A imagem tem estreita relação com o imaginário simbólico das estruturas sociológicas no campo na religiosidade, na filosofia e na formação do imaginário de Durand (1998). Tal afirmação pode compreender, por exemplo, o reflexo da cultura africana nas relações entre o imaginário e o mito que permite identificar a construção da trajetória afrodescendente através da etnografia.

O desenvolvimento das técnicas de desenho a partir da descoberta da perspectiva e da câmara escura deu origem ao período conhecido como o advento da fotografia. No Brasil, em finais do século XIX, nota-se o reflexo desse desenvolvimento, que se intensifica no século XX, percebidos em expressões artísticas que evidenciam traços de cultura afro-baiana de Salvador no período.

A expansão socioeconômica do Brasil entre o final do séc. XIX e início do séc. XX é retratada por imagens que trazem elementos presentes no fenótipo de

descendência africana em oposição à negação da existência dessa população. Castro (2014) analisa a partir de imagens fotográficas e videográficas, a diversidade Cultural de Salvador, a relação entre a Bahia real e imaginária que inspirou muitos artistas a comporem sobre as particularidades culturais e identitárias desse estado.

A linguagem de Jorge Amado, transformada em séries, novelas e cinema vista em Tereza Batista, Capitães de Areia, Tieta do Agreste, etc. junto às imagens produzidas por Verger a partir de sua marca de fotografar em preto e branco, manifestações culturais e religiosas de Salvador; Mario Cravo Neto (2020) que adepto da religião do candomblé, reúne imagens dessa referência em suas obras; e Carybé que possui um acervo para além dos quadros e esculturas, estão nos gradis que cerca a Praça do Campo Grande e o MAM – Museu de Arte Moderna em Salvador e nas fachadas dos prédios que adornam a cidade, revelaram a inegável presença da cultura afro-baiana da capital.

As referências acima, se aproximam dos registros produzidos por Ferreira (2004) a partir do conteúdo que dialoga com questões de pertencimento. Nessa perspectiva, Ferreira (2015) enuncia a relação estreita entre a fotografia e a percepção da cultura. Sob esta perspectiva, atua na condição de mediadora entre operador, referente, observador e o que suscita nestes indivíduos. Além disso, a fotografia pode se revelar um meio de provar para atestar a existência daquilo que se mostra como traço do real, onde a curiosidade que lhe é inerente permite a investigação em torno do objeto de análise como cita Dubois (1993). Por outro lado, se presentifica a relação existente entre identidade e memória cujo sentido se aproxima das definições defendidas por Pollak (1992) a partir da relação memória e identidade. Segundo Pollak, a memórias podem, inclusive, serem negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essenciais de uma pessoa ou de um grupo. Também nessa perspectiva Halbwachs (2004) afirma que uma memória individual também pode estar contida na memória coletiva na relação de pertencimento.

A partir do entendimento aqui descrito, as questões acerca das relações que envolvem cultura foram analisadas do ponto de vista do Brasil, na particularidade de Salvador, na Bahia. Sob esta questão, Sodré (1988, p. 43), indica “que a cultura remete sempre ao relacionamento com o sentido”. Segundo indica o autor, é

filosoficamente entendido como condição necessária à existência de significações ou conceitos, veiculados pelos discursos atuantes na organização social". Ao que adiante conclui: "A cultura é o modo de relacionamento humano com o seu real."

A Identidade Cultural defendida por Hall (2003) compreende culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais. Nas cidades, compreendem lugares onde as pessoas buscam criar raízes o que na perspectiva de Geertz (1978) é um conjunto de significados incorporados através de símbolos e materializados através de pensamentos ou ainda, na definição semiótica de Joly (1996) identifica os signos presentes nas imagens como elementos indicadores de cultura quando relacionam costumes e valores simbólicos e socioculturais. Pode ainda estar associado aos conflitos sociais analisados por Brandão (1986) como traços de cultura (catequização dos índios pela igreja e/ou a escravização de negros africanos no Brasil) que subjuguou tradições e costumes de referência para esses povos.

As afirmações acima remetem a pensar uma Salvador afro-baiana em períodos de negação aos cidadãos de ascendência africana em seus direitos, inclusive, o direito à educação como se refere Pinho e Silva (2022). Por outro lado, a análise sobre as disposições da Lei 10.639 realizada por Bonzatto (2012) quanto ao reflexo do passado para a atual reforma educacional afro-brasileira pode contribuir para a tomada de medidas que visam compreender a particularidade de cada estudante, diferentemente do "senso comum". No entanto, a imagem atual da educação ainda desconhece a representatividade afro-brasileira no ambiente escolar, seja pela própria imagem das pessoas que exercem funções hierárquicas – o diretor(a), coordenadores(as), professores(as) em sua maioria de fenótipo europeu, pareciam não perceber esse apelo, seja pela flexibilidade no cumprimento da lei que estabelece a importância do ensino africano e afro-brasileiro nas escolas brasileiras, seja pela diversidade sociocultural na qual os alunos estão inseridos, visto que, ainda acompanha o currículo geral nacional ainda baseado no modelo europeu de educação. Dentro desse currículo, pode-se destacar a comemoração ao dia da "Consciência Negra" prevista pelo Art. 79-B da Lei 10.639 e o "folclore" onde, aliás, está inserida boa parte da história do povo negro, incluído no processo de construção da criança como história lendária, onde

pouco se leva em consideração a história como forma de representação para a construção de uma identidade.

O ambiente escolar contemporâneo avaliado por Gomes (2003) tanto pode valorizar quanto negar identidade devido aos conflitos motivados pela oposição do negro ao que aparentemente é considerado branco. Visando minimizar tais conflitos e desigualdades sociais, a referida lei, prevê que o ensino da história afro-brasileira precisa fazer parte do currículo escolar de todo o país. Mas, na prática, a introdução dessas atividades no currículo escolar ainda está andando a passos curtos. No entanto, há em Salvador, instituições de ensino cuja cultura ancestral afro-baiana esteja inserida no currículo escolar sem distinção.

A Escola Maria Felipa, localizada no bairro do Garcia, em Salvador, nacionalmente reconhecida como a primeira escola infantil afro-brasileira, ajustou seu currículo para o ensino do conteúdo voltado para a história da cultura afro-brasileira prevista por lei.

A Escola teve seu primeiro ano letivo em 2019 a partir de uma perspectiva pedagógica afro-centrada, baseada nos saberes africanos ancestrais e contemporâneos. Visualmente, a escola denota um ambiente de representatividade sociocultural de Salvador em suas instalações. Nesse sentido, a análise da imagem fotográfica e videográfica como ferramenta para identificar elementos culturais de pertencimento, se mostrou potencialmente relevante, pela possibilidade de suscitar um sentimento de identificação em quem visualiza.

A aproximação com os estudantes elegíveis para participar da pesquisa através de uma produção audiovisual realizada por mim, acerca do tema identidade; e posteriormente o suporte imagético da fotografia de Ferreira (2004) em sua tese de Doutorado intitulada "Fé e Festa nos Janeiros da Cidade da Bahia" como agentes mediadores de uma aproximação com os participantes, levantaram dados importantes referentes à relação existente entre imagem e pertencimento afro-baiano.

O uso das técnicas de abordagem de Collier Júnior (1973) definiu o modo de realizar as observações, a aproximação com o grupo e as entrevistas, a fim de qualificar, comparar e avaliar comportamentos e aglomerações permearam a construção de uma pesquisa de natureza exploratória.

A análise das imagens contendo elementos que refletem a cultura afro-baiana de Salvador teve por base o método de Alegre (1998) a partir da descontextualização – momento em que as imagens foram retiradas do seu acervo de origem para mediar um diálogo com os participantes; contextualização – momento em que as imagens são utilizadas durante a entrevista para quem sabe gerar identificação e/ou expressões de pertencimento; recontextualização – indicação de motivação do autor para a realização dos registros.

Os resultados da mediação por registros fotográficos entre as participantes mostraram que pertencimento pode ser entendido como a imagem de uma comunidade dentro de um bairro; a imagem na particularidade de um lugar onde a representatividade se faz presente; na imagem como o espelho que identifica pessoas; na imagem de celebrações socioculturais e/ou religiosas da cidade; na imagem dos adereços, cabelos e indumentárias, no fenótipo afro-baiano que denota reconhecimentos.

A cada imagem vista pelas participantes, parecia surgir uma lembrança de momentos vivos; reflexo da vida adulta que, na perspectiva de Minayo (1994, p. 54), “É um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato. (...) Nele podemos encontrar a redimensão coletiva a partir da visão individual”.

Os indícios de identificação com as imagens mostradas convergem para os elementos levantados no argumento teórico utilizado previamente ao que hipoteticamente poderia indicar pertencimento do indivíduo que vive em Salvador no contexto de estudantes do ICEIA e na memória de profissionais em suas vivências pessoais, inclusive, na área da educação.

O fato de serem nascidas e residentes na cidade pode ter sido o motivo de tamanha semelhança entre suas respostas. Apesar das experiências diferentes para cada uma dessas pessoas, devido ao tempo em que ocorreu, diferença de idade, ou por outros motivos que envolvem relação familiar e religiosidade mostram, ora pontos de vista semelhantes ora diferentes para cada situação e de acordo com cada imagem vista.

Apesar de diferenças significativas de faixas etárias e de ponto de vista, em alguns momentos, me pareceu haver interação entre elas, tanto pela consciência da ancestralidade africana e de como são importantes para a construção daquilo que consideram ser identidade, em suas vivências de uma forma geral; nas

relações familiares; nas relações com Salvador enquanto lugar de memória; no espaço escolar/profissional e no meio social em que convivem, visto que, as entrevistas foram feitas individualmente. Esse fato faz referência à relação entre a memória individual e a memória coletiva defendida por Halbwachs (2004):

Se situarmos uma ou mais correntes do pensamento coletivo(...) talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las; também se há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que recordamos, do ponto de vista desse grupo (HALBWACHS, 2004, p. 41).

A visualização das imagens resultou em unanimidade quanto à memória das pesquisadas. Elas fizeram referência à casa de seus avós, tios, tias, madrinha e outros parentes próximos pelas características identificadas no conteúdo das fotografias. É interessante pontuar que, mesmo se referindo a lugares distintos e em épocas diferentes, para cada uma delas, devido à idade de cada uma, a mesma imagem refletiu a memória de suas infâncias no convívio com seus familiares.

O registro que mostra um espelho com moldura e registros de celebrações religiosas de matriz africana na parede; o quadro de São Jorge na parede das casas e a própria parede das casas parecia compor o mesmo ambiente. No entanto, quando foi dito que se tratava de lugares diferentes e em regiões diferentes, o olhar mais aguçado permitiu distingui-las. Então, partiram para observar os demais objetos que compunham o ambiente e perceberam que estes também traziam algum significado para elas.

A participante 1 (educadora social) recorda a casa da madrinha em Salvador, por quem foi criada na infância, até os detalhes dos objetos da casa lhe pareceram semelhantes. A imagem de São Jorge da fotografia a fez lembrar um quadro de Iemanjá preso na parede da casa. Além disso, os porta-retratos, as molduras na parede, os móveis de madeira, os acessórios feitos de "fuxico" um artesanato muito confeccionado por artesãos em Salvador; os vasos de plantas foram reconhecidos como iguais aos da casa onde morou há anos.

Vale destacar que a participante 2 (estudante), embora tenha 18 anos, uma variação de idade importante em relação às demais, teve a mesma percepção em relação às imagens enumeradas no parágrafo anterior, quanto às

características do lugar. A referida imagem reflete para ela a casa de seus avós onde costumava passar as férias.

A participante 3 (trancista) relatou sentir um “quentinho no coração” ao ver a imagem que a faz recordar a casa de tios e avós em Ilha de Maré, local onde também costumava ir no período de férias escolares. Além das participantes, as imagens possuem um valor sentimental para mim, visto que, a imagem de número (20) se refere à casa de minha avó materna, localizada no Recôncavo.

A educadora social nasceu em Salvador e já residiu nos bairros da Federação, Rio Vermelho e Itapuã. Profissionalmente, tem formação em jornalismo, mas atua num canal de TV da cidadania em Salvador. Quanto à identidade, considera que tudo o que ela traz desde a sua infância até o momento em que começou a fazer parte do movimento negro, contribuiu para a construção de uma autoestima e que, a partir daí, criou-se um processo de autoconhecimento, a que ela chama de identidade. O relato de alguns dos momentos de sua infância na casa de sua madrinha, por quem foi criada, soou como um indicador de identidade nas lembranças dessa fase de sua vida expressa em suas feições.

A semelhança entre os sentimentos se vê expressa também na constatação de Ferreira (2004) durante uma exposição realizada por ele com algumas das imagens utilizadas na presente pesquisa. Segundo Ferreira, a imagem permite ao indivíduo reviver um determinado momento de sua vida, tendo sido esta uma experiência pessoal importante, podendo ser esta prazerosa ou não. Segundo o mesmo autor, o ato de reviver o momento passado com a mediação da fotografia, por exemplo, é capaz de ativar a memória do indivíduo sobre sua vivência.

As imagens permitiram duas das participantes reconhecerem pessoas. Apesar de situações e circunstâncias diferentes, as mesmas pessoas foram reconhecidas na imagem. Além disso, duas delas fazem parte da mesma religião: Ambas são candomblecistas, entretanto, o sentimento ao ver a mesma imagem foi diferente. Ao visualizar a fotografia, puderam recordar dois momentos distintos de seu passado.

A participante 1 descreveu situações que envolveram suas relações com a pessoa reconhecida, tanto no passado quanto no presente. No relato, a pessoa em questão era vendedora de roupas no Pelourinho. Atualmente, a mesma pessoa se tornou uma estilista de roupas africanas e possui uma grife de referência em

Salvador. No segundo momento, a mesma imagem lhe trouxe a memória de um momento da infância.

Aqui eu visualizo a onze (11) que é Madá Negrif que hoje é uma grande estilista, né? Uma mulher negra que já foi sacoleira. Muitas vezes de eu encontrar no Pelourinho com um sacolão correndo que arranjou um vestido ali, que arranjou um vestido aqui. Hoje ela tem duas lojas, uma na Carlos Gomes e outra no shopping. D Educadora Social.

As roupas da grife possuem uma particularidade que a fez lembrar as roupas de sua madrinha que tinham bolsos grandes para colocar objetos do dia a dia, como pregador de roupas, chaves, etc. A relação afetiva com um momento de sua infância que trouxe lembranças de sua madrinha, serviu de motivação para adquirir os vestidos. Além disso, a imagem de uma das pessoas reconhecidas lhe remetia a algo que ocorreu na sua infância e que inconscientemente trouxe para o momento presente.

Madá, ela tem uma coisa particular que é dela. Todas as roupas dela têm bolso. Eu sei disso porque eu compro, porque todos os vestidos dela que eu compro têm bolso. Eu gosto de bolso, porque esse negócio de bolso, minha madrinha... Porque eu fui criada com madrinha e todos os vestidos dela tinha bolso pra botar várias coisas. É pregador, não sei o que do dia a dia (risos). Então o bolso, servia para guardar as coisas pra ela não esquecer. Então isso me remete muito à minha infância e eu gosto também de roupa com bolso pra botar chave, pra botar cartão do Ônibus, entendeu? E Madá traz muito isso nas roupas dela, essa lembrança ancestral e eu gosto muito das roupas dela.

A memória pode ser vista ainda como um fenômeno coletivo de grandes transformações e constantes mudanças, como advoga Halbwachs (2004, p. 32): “É comum imagens impostas pelo meio em que vivemos, modifiquem a impressão que guardamos de um fato antigo de uma pessoa outrora conhecida”.

A participante 2, ao ver a mesma imagem, também reconheceu a estilista e o ator, mas a imagem lhe trouxe a lembrança do ano em que iniciou suas atividades na sede do bloco Ilê Aiyê. Lembrou ainda a satisfação sentida em poder realizar o sonho de desfilarem no bloco ao mesmo tempo em que trabalhava com a profissão almejada. Atualmente moradora do Curuzu, já morou em bairros como Ribeira e Boa Vista do Lobato. Considera a Cidade Baixa, um ponto que

identifica Salvador, tanto pelas paisagens quanto pelas festividades que acontecem por lá.

Aos 13 anos de idade aprendeu a profissão de trançista e, nessa mesma fase, abriu seu primeiro salão na casa onde morava para trançar cabelos. Faz uma pausa para (rir) e conta da fuga, ainda na adolescência para ir ao ensaio do Ilê Aiyê, bloco Afro, hoje famoso mundialmente, que tem sua origem na rua do Curuzu, bairro da Liberdade. Conta que “Valeu muito à pena”. Relembrou também sua relação com a escola. Declarou que no local onde cursou o ensino fundamental, não se sentia parte daquele ambiente. Contou que, na época de festejos juninos, nunca foi selecionada para ser a rainha do milho ou se quer tinha um par para participar da quadrilha. “As meninas brancas sempre eram as escolhidas para o papel”. “Era assim em todos os eventos que precisavam de representantes da escola”. Essas experiências fizeram-na sentir a necessidade de se reconhecer e de ter representatividade. Assim, conheceu seu namorado, atual marido e parceiro na profissão. Assim também conheceu o Ilê e foi iniciada por mãe Hilda Jitolu (mãe de Vovô, diretor do Bloco), no mesmo lugar onde começou a trabalhar.

O convite para trabalhar na administração do bloco a fez desistir de realizar o sonho de ser (Deusa do Ébano), nome dado à Rainha do Ilê Aiyê, selecionada pelo bloco a cada ano. A escolha pela religião de matriz africana – O Candomblé – gerou conflitos familiares amenizados por sua avó, de quem recorda ter recebido apoio.

A participante acima revelou aspectos da memória individual de sua infância que também pode ter sido a memória da estilista e de tantas outras pessoas que viveram essa época. Tal relato, mostrou que as imagens podem ser mediadoras de pertencimento, tal qual o autor Ferreira (2004) destacou após a conclusão de uma de suas exposições:

As imagens produzidas por Ferreira (2004), segundo relato do próprio autor, após a realização de uma exposição: As imagens cumpriram o papel de mediação. Elas revelaram o quanto de envolvimento as pessoas demonstram ao se defrontarem com situações que viveram ou gostariam de experimentar (FERREIRA, 2004, p. 168).

Tocada pela fala da entrevistada, no momento da entrevista, lembrei o mesmo costume vindo da minha avó materna quanto a usar roupas com bolsos para guardar acessórios.

A imagem por si só não me traria tal lembrança. No entanto, a lembrança da entrevistada ao ver a foto, também me fez recordar um momento da infância. Essas lembranças expressam o conceito de memória individual e coletiva descrito por Halbwachs (2004). Para Halbwachs, a memória individual está contida na memória coletiva e desse modo, pode sofrer alterações de acordo com o lugar que se ocupa e das relações que se mantêm nesses ambientes. A memória do indivíduo, não é apenas dele, geralmente envolve um grupo social no qual se encontra inserido. Trata-se de evocar um acontecimento comum ao grupo do qual faz parte.

A participante 2 (estudante) não reconheceu nenhuma figura importante ou pessoas de seu conhecimento pessoal. Talvez, o fator idade tenha sido determinante, visto que o período em que as imagens foram realizadas provavelmente é anterior à sua existência. Contudo, o modo de se reconhecer preta era visível em sua fala e expressões faciais e corporais ao tocar a própria pele como se quisesse mostrar a evidência do seu fenótipo na estrutura dos cabelos crespos e em suas feições. Apesar disso, foram relatadas por ela, situações em que outras pessoas puseram em xeque sua descendência por não ter uma pele retinta. Parecia não ser suficiente para outras pessoas, a perceberem preta, como ela própria afirma ser. Outra situação relatada pela participante teve um tom de confiança. Segundo ela, desde que teve conhecimento sobre sua ancestralidade, sentiu-se motivada para iniciar um estudo sobre os orixás. Apesar do interesse por assuntos relacionados à religião de matriz africana, escolheu seguir a religião evangélica.

Quanto à visualização das imagens, a estudante demonstrou sentir admiração por todas elas e curiosidade em saber sobre as celebrações expressas nelas. Sobre a relação com a escola, se sente à vontade na convivência com colegas e demais pessoas dentro desse ambiente. Relatou ter admiração por algumas de suas colegas por se mostrarem autoconfiantes com a textura dos cabelos e dos tons coloridos. De acordo com a participante, isso as tornam únicas por criarem um estilo próprio de assumir sua ancestralidade.

O relato das participantes, ao visualizarem os registros, coincide com as categorias de memória do ponto de vista de Pollak (1992) por ser um fenômeno que cada indivíduo carrega consigo. Para melhor entender o que vem a ser memória, o autor a classifica a partir dos elementos que a constitui. Acontecimentos vividos pela própria pessoa em determinado período e local; acontecimentos "vividos por tabela", ou seja, vividos por pessoas que sequer tenham vivido no período do ocorrido, mas têm em seu imaginário um sentido tão forte que parecem ter feito parte daquele momento; acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa sente pertencer. Além disso, questões políticas e históricas possivelmente se tornam um meio de identificação, podendo ser entendida como uma memória e, nesse processo, constituir pertencimento.

Detalhar e identificar semelhanças e diferenças entre os grupos que identificam pertencimentos a partir de aspectos socioculturais, socioeconômicos e religioso presentes na relação entre imagem e pessoas. No presente estudo, a mediação por imagem durante as entrevistas levantou os seguintes elementos indicadores de pertencimento.

A imagem do pertencimento de pessoas, grupos, comunidades no espaço de instituições como as dos alunos de audiovisual do ICEIA, que pode refletir aspectos presentes no comportamento de quem atualmente galgou um espaço no campo profissional como no grupo de participantes que atua com questões relacionadas ao empoderamento, às vivências pessoais e profissionais, à visibilidade e ao reconhecimento.

A imagem é um importante elemento para o entendimento sobre o lugar a que pertencemos e de diversas maneiras vai estar inserida no contexto de nossas vidas. O fato de "pertencer" desempenha um papel fundamental no bem-estar emocional das pessoas, proporcionando apoio social, segurança emocional e uma sensação de significado, seja para cada pessoa em sua individualidade seja no meio em que vive em comunidade.

Em Salvador, a cultura afro-baiana remonta fatos históricos que refletem visualmente as particularidades do cotidiano da cidade e de quem nela vive, representada através de símbolos visuais que fortalecem o sentimento de pertencimento.

As etapas de descontextualizar, contextualizar e recontextualizar as imagens revelaram mais semelhanças do que diferenças no modo de pertencer. Além disso, demonstrou ter havido transformações no modo de se perceber afro-baianos em Salvador na contemporaneidade.

O caminho para a consciência do que é a cultura afro-baiana dentro das escolas, mostra o quanto (semelhanças e diferenças) na relação entre grupos que convivem em um mesmo ambiente, contribuem para fortalecer o que se entende por pertencimento em meio aos conflitos comuns a grupos e indivíduos.

Os desafios contemporâneos enfrentados pela comunidade afro-baiana em Salvador apontaram que questões socioculturais, religiosas, familiares precisam ser levadas em consideração na compreensão para uma visão antirracista entre negros (a) e não negros (as), pretos (as) e não pretos(as). Tais percepções não definem que o modo de se perceber afro-baiano seja absoluto, visto que são impressões, apenas, de uma parcela autodeclarada afro-baiana dessa população que no decorrer do trabalho, descortinou aspectos que refletem pertencimento.

No entanto, para chegar a essa conclusão, foram analisadas: A semelhança predominante e não previamente estabelecida, entre os participantes: Nas reflexões feitas a partir das mesmas imagens vistas por cada uma delas; na particularidade do modo de pensar afro-baianidade independentemente da diferença de idade.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

ALEGRE, Maria Sylvia Porto. **Reflexões sobre iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual**. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. *Desafios da Imagem*. Marília: Papirus, 1998.

BONZATTO, Eduardo Antônio. **Algumas cidades da África contemporânea: rituais e experiências no bifronte tradição versus modernidade**. *Cordis: Revista Eletrônica De História Social Da Cidade*, n. 2, p. 1-14, 2012. <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/9513>. Acesso em: 20 de junho de 2024.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1986.

CASTRO, Janio Roque Barros de. **As questões identitárias e as especificidades culturais da Bahia expressas na literatura e na musicalidade: um olhar geográfico.** *Geotextos*, v.10, n.1, p. 105-126, jul. 2014.

COLLIER JÚNIOR, John. **Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa.** Coleção: Antropologia e Sociologia. Pedagógica e Universitária, E.P.U, 1973.

CRAVO NETO, Mario. **Fotografia Profissional: Fotografia Sutil da Arte Religiosa de Mário Cravo Neto.** (parte 3). jan, 2020. <https://www.cravoneto.com.br>. Acesso em: 10 de novembro de 2021.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios.** Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1993.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem.** Tradução de Renée Levié. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

FERREIRA, Edson Dias. **Fé e Festa nos Janeiros da Bahia.** 2004. Tese (Doutorado) – Curso- Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

FERREIRA, Edson. **Desenho Fotografia e Cultura na Era da Informática.** TRINCHÃO, Maria Gláucia Costa (org.). *Coletânea Desenho e Visualidades.* Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2015, p. 39-50.

FERREIRA, Edson Dias. **Desenho Conhecimento: em direção à construção de sua epistemologia.** In: PACHECO, Lílian Miranda Bastos; TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. *Tempo de cultura e linguagem: reflexões sobre a área do conhecimento do desenho e algumas implicações.* Salvador: EDUFBA, 2017.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade Negra e Formação de Professores/as: Um Olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.** *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun./2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem.** Tradução de Marina Appenzeller. Campinas- SP: Papirus, 1996.

MENEZES, Ulpiano Bezerra. **Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares.** *Revista Brasileira de História*, v. 23, nº 45, p. 11-36, jul. 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem**. Tradução de Fernando Castro Ferro. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

NEGREIROS, Luis Vidal Gomes. **Desenhismo**. Santa Maria, Rio Grande do Sul: Editora da UFSM, 1996.

Obras de Carybé. <https://www.unifor.br/-/obras-de-hector-carybe-da-fundacao-edson-queiroz-sao-objeto-de-estudo-de-pesquisadora-da-ufrij>.

PINHO, Vilma Aparecida de; SILVA, Maria Madalena Silva da. **Iolanda Oliveira :trajetória, concepções e contribuições para uma educação antirracista na sociedade brasileira**. *Revista de Educação Pública*, v. 31, p. 1–19, jan/dez., 2022.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. 2 ed. Francisco Alves Editora S.A: Rio de Janeiro, 1988.